



O Bairro da Jamaica, no Seixal, é alvo de rusgas policiais constantes
FOTO MÁRIO CRUZ/LUSA

que assim que pedimos a um negro para se identificar somos logo acusados de perseguição”. O agente já viu o vídeo da intervenção policial no Bairro da Jamaica e não critica a ação dos colegas. “Tiveram de defender a sua integridade física. Teria feito o mesmo.”

Filmar as ações policiais

Visto por quem está de fora dos bairros, este fenómeno de violência “é algo novo na sociedade portuguesa”, defende o sociólogo António Pedro Soares, do ISCTE, em Lisboa. O especialista espera que os distúrbios que ocorrem ciclicamente nos subúrbios de Paris não se repitam em Lisboa ou Setúbal. Mas ficou pessimista ao assistir à reação política “cobarde” a este caso (ver entrevista).

Já para José Leitão, investigador da Universidade Nova de Lisboa — foi o primeiro Alto Comissário para as Migrações — os incêndios, pedradas e petardos dos últimos dias “são questões pontuais” que estão a ser “ampliadas pelas redes sociais.” Este jurista com trabalho na área da discriminação racial faz duras críticas aos que acusam a polícia de xenofobia: “Há casos de racismo, mas não se pode generalizar. É injusta e irresponsável esta visão sobre as forças de segurança. Não podemos esquecer que elas têm sido muito importantes no combate aos skinheads.”

Quem conhece bem o Bairro da Jamaica é Manuel Morais, dirigente sindical da PSP que fez um mestrado em Antropologia sobre a relação entre as forças policiais e os jovens de bairros periféricos. “Não temos de ter medo de ser filmados por telemóveis, mesmo que não contem toda a versão dos acontecimentos, como foi o caso.” É por isso que defende o uso de *bodycams* (videocâmaras nas fardas), tal como acontece no Reino Unido e nos EUA, para que toda a operação policial fique registada.

Não é o único na PSP. Em julho de 2017, a direção nacional apresentou o projeto ao MAI que esta semana, no auge da polémica, anunciou que a ideia terá luz verde muito em breve.

hfranco@expresso.imprensa.pt

QUATRO PERGUNTAS A

António Pedro Soares

Sociólogo do ISCTE-IUL

■ **Depois das imagens no bairro da Jamaica e da manifestação em Lisboa, repetiram-se incidentes semelhantes em vários bairros diferentes, até de concelhos diferentes (Bela Vista, Póvoa de Santo Adrião, Odivelas, Cacém, Massamá, etc.). A violência pode continuar a alastrar?**

■ A violência nos bairros tem um histórico escondido. As pessoas têm medo de apresentar denúncias de violência por receio de represálias. Até as crianças destes bairros comportam-se de maneira diferente quando ouvem as sirenes da polícia. Sabem que isso pode significar problemas para a sua família. Estas pessoas tiveram agora coragem de se manifestar na Baixa de Lisboa, mas a repressão policial acabou por lhes retirar algo a que tinham direito. E o que está a acontecer à noite nas periferias de Lisboa e de Setúbal pode ser um resultado direto do que se passou na Avenida da Liberdade. São focos de violência em reação à ação policial.

■ **Serão episódios pontuais ou um sintoma de algo novo em Portugal?**

■ É sem dúvida algo novo. A violência contra esta população era escondida. As denúncias por telemóvel são algo recente. Manifestações como as desta semana são novas. E as ações de violência urbana espalhada por vários concelhos são sem dúvida uma novidade em Portugal.

■ **Portugal pode ver nascer um fenómeno de revolta e violência como os que, ciclicamente, acontecem em França com jovens árabes de segunda e terceira geração, em reação à ação policial?**

■ Em Paris há uma incapacidade do Estado em comunicar com certas comunidades oprimidas. Na Europa, o racismo institucional tornou-se banal. Há um comportamento policial europeu racista. Portugal ainda é uma exceção na questão da integração. Mas os problemas nos guetos não deixam de existir.

■ **O Governo e o Presidente da República souberam reagir aos últimos acontecimentos?**

■ Não. Tenho pena que Marcelo e o ministro da Administração Interna, Eduardo Cabrita, não tivessem afirmado publicamente que o que viram no vídeo do bairro da Jamaica não pode acontecer. Houve uma incapacidade política preocupante. Os políticos acobardaram-se e não fizeram a devida vénia à vítima da ação policial. Não tenho dúvidas de que existe uma Justiça para brancos e outra para negros. Basta olhar para a população prisional.

CRONOLOGIA

VÍDEO VIRAL

Ação policial no Bairro da Jamaica, no domingo, foi filmada por uma moradora. O homem que foi detido acusou a polícia de violência excessiva. A PSP abriu um inquérito interno às denúncias e a IGAI também investiga o caso

DISTÚRBIOS NA BAIXA

Cerca de 300 pessoas juntaram-se em frente ao MAI contra a violência policial. O protesto descambou na Avenida da Liberdade. A PSP acusou os manifestantes de atirarem pedras e petardos contra os agentes. Os manifestantes garantem que a polícia os afugentou com tiros para o ar. Quatro pessoas foram detidas

CRÍTICAS DE MORTÁGUA

Joana Mortágua partilhou o vídeo com a intervenção da PSP de domingo: “São 4 minutos de violência policial no bairro da Jamaica. Podem ir começando a pensar em desculpas mas não há explicação para isto. E o Bloco vai exigir responsabilidades”, escreveu Mortágua. PSD acusou a deputada de incitar à violência

“BOSTA DA BÓFIA”

Também Mamadou Ba, dirigente do BE e da associação SOS Racismo, causou polémica com uma frase escrita no Facebook: “Sobre a violência policial, que um gajo tenha de aguentar a bosta da bófia e da facho-esfera é uma coisa é natural, agora levar com sermões idiotas de pseudorradicais iluminados é já um tanto cansativo, carago!”

MAI, PM E PR SERENOS

“A serenidade caracteriza o país”, disse o ministro Eduardo Cabrita quando inquirido sobre o caso. Já Marcelo pediu que não se generalizassem comportamentos isolados e apelou para que estes episódios não fossem aproveitados politicamente. E António Costa defendeu que há boas razões para se confiar na polícia

INCÊNDIOS E COCKTAILS

Durante três noites seguidas, multiplicaram-se os incêndios a ecopontos, caixotes de lixo e carros nos concelhos de Sintra, Setúbal, Loures e Lisboa. Na Bela Vista, um autocarro foi queimado. E a esquadra da PSP daquele bairro foi alvo de três *cocktails-molotov*. Foram detidas e identificadas três pessoas

MANIFESTAÇÕES OPOSTAS

Plataformas de apoio a minorias étnicas convocaram uma manifestação no Seixal, esta sexta-feira. Mas a associação de moradores do bairro da Jamaica demarcou-se dos protestos. Em Lisboa, o PNR marcou um protesto à mesma hora contra as afirmações de dirigentes do Bloco de Esquerda



Em cima, Myriam Taylor. Em baixo, Valter V. Ambos estiveram na manifestação de segunda-feira contra a violência policial FOTOS ANA BRÍGIDA



Bloco demarca-se de declaração de assessor

No final de uma semana de polémica, direção diz que “bosta da bófia” não são termos que o BE utilizaria para designar a intervenção da polícia

A direção do Bloco de Esquerda (BE) diz que os termos utilizados pelo seu assessor Parlamentar, Mamanoud Ba para descrever a ação policial no bairro da Jamaica “foram escolhidos pelo próprio e não teriam sido os do Bloco de Esquerda”. Em resposta oficial ao Expresso, o Bloco esclarece ainda que aquele assessor “não integra qualquer órgão dirigente” do partido. “O BE não tutela a intervenção social e cívica dos seus trabalhadores”, acrescenta, recordando que Mamadou falou “na qualidade de dirigente do SOS Racismo”.

“Bosta da bófia” foi a expressão usada pelo colaborador parlamentar do BE na sua página de Facebook para descrever a intervenção da polícia. Mamadou Ba foi um dos primeiros a partilhar, nas redes sociais, um vídeo da atuação policial. Logo a seguir, Joana Mortágua, deputada do partido, chamava a atenção também no Facebook para os “quatro minutos de violência policial. Podem ir começando a pensar nas desculpas, mas não há explicações para isto”.

A líder do BE só tomou uma posição na terça-feira. “As forças de segurança desempenham uma função essencial e não deviam ser manchadas por alguns elementos racistas e violentos no seu seio e pela impunidade com que muitas vezes estas situações são tratadas”, afirmou. Catarina Martins tentava travar a polémica e, sobretudo, os contra-ataques de grupos de extrema-direita, que ontem marcaram a realização de uma manifestação

de protesto contra as declarações de dirigentes do BE.

Só no final do debate parlamentar de ontem, porém, o Bloco de Esquerda se viria a demarcar das palavras do assessor. Em resposta ao Expresso, o partido esclareceu que Mamadou Ba exerce funções “administrativas” de apoio à bancada e “não integra qualquer órgão dirigente”.

Mas o clima político estava toldado e o BE encontrava-se isolado. Na véspera do debate quinzenal, o presidente e líder da bancada do PS, Carlos César, tinha feito questão de lamentar que o Bloco de Esquerda estivesse a “acirrar os ânimos”. E, se dúvidas houvesse de que esta era a opinião dos socialistas, elas foram desfeitas por António Costa: “Sinto-me 90% das vezes o porta-voz do pensamento de Carlos César e Carlos César a interpretação qualificada do meu próprio pensamento”.

No debate, António Costa acabou por ser advertido pelo presidente da AR, Ferro Rodrigues, quando respondeu a Assunção Cristas de forma inesperada: “Deve ser seguramente pela cor da minha pele que me pergunta se condeno ou não condeno os atos de vandalismo em Portugal”. Já tinha ouvido Fernando Negrão, do PSD, pedir ao Governo para “não branquear as responsabilidades do BE” e Jerónimo de Sousa, do PCP, sublinhar que “a denúncia da violência policial deve ser cabalmente investigada, mas não deve ser instrumentalizada”. E aproveitou para arrumar o assunto — e o seu parceiro de ‘geringonça’ mais à esquerda — com uma fronteira definida: “O nosso lado é o das forças de segurança.” Catarina Martins ouviu e registou.

ROSA PEDROSO LIMA

rosaplina@expresso.imprensa.pt